

# Dissidentes Ressoantes: o graffiti em manifestações políticas

*Resounding Rissidents: graffiti in political demonstrations*

**Penha de Fátima da Cruz de Souza**

(Universidade Federal de Espírito Santo, Brasil)

**Cláudia Maria França da Silva**

(Programa de Pós-graduação em artes da Universidade Federal de Espírito Santo, Brasil)

**Resumo:** Nesse artigo apresentamos um estudo sobre o uso do graffiti em manifestações políticas. Para tanto, pontuamos alguns momentos históricos considerados fundamentais para menção ao se tratar dessa temática; são momentos em que grafiteiros se opuseram à hegemonia político-comportamental e partiram para ação, utilizando o graffiti como ferramenta de luta social. Apontaremos ainda para movimentações mais recentes acontecidas no Brasil e especialmente em Vitória-ES.

**Palavras-chave:** graffiti, manifestação, luta social, Vitória-ES.

**Abstract:** *In this article we will present a study on the use of graffiti in political manifestations. To do so, we point out some historical moments that we consider to be mentioned when dealing with this theme, where graffiti artists opposed themselves to political and behavior hegemony; they went into action by using graffiti as a tool of social struggle. We also point to more recent movements that took place in Brazil and especially in Vitória-ES.*

**Keywords:** *graffiti, manifestation, social struggle, Vitória-ES.*

DOI: 10.47456/rof.v20i31.40176

## Introdução

A Arte Urbana possui diversas vertentes, sendo uma delas o *graffiti*. Por sua vez, o *graffiti* também possui diversos modos de realização e desdobramentos. Essas variações dentro do *graffiti* permitem muitas possibilidades de efetivação. Sua realização com a aplicação de tintas por meio dos rolos, e principalmente por spray são os mais frequentemente associados à prática; a maneira de aplicação vai determinar algumas questões quanto à vertente - se vai se enquadrar como pixo, ou se vai ser considerado um mural, por exemplo; além disso, existem outras possibilidades de manifestação, como o lambe-lambe e o stencil. Com todas essas variedades e possibilidades, o *graffiti* colide com o seu suporte principal - os muros - e seu impacto se dá de muitos modos e por diversas motivações, considerando-se aqui o conteúdo de suas imagens e grafismos.

Apresentamos esse artigo buscando abordar manifestações de *graffiti* realizadas em movimentos populares de motivação política. Ela são maneiras de enfrentamento de processos de segregação e exclusão social, ainda que esse enfrentamento constantemente ocorra apenas em campo simbólico, de modo furtivo, onde as respostas a políticas e ações que cooperam com esse cenário de injustiça utilizem os muros. Os mesmos muros que cercam e tentam lhes tirar as perspectivas devido ao seu alcance e brutalidade são grafitados, e as mensagens ali inseridas buscam fazer com que outros enxerguem as problemáticas que constantemente são invisibilizadas e invisibilizam.

Nesse viés, apontamos o uso do *graffiti* como ferramenta de expressão do desejo político, visibilidade e revolta social; para isso pontuamos desde alguns momentos históricos importantes a ações e acontecimentos atuais, ações tanto em países estrangeiros, quando no Brasil e numa escala mais próxima, em Vitória-ES, os quais demonstram a diversidade e a potência do *graffiti*. Interessamos, a partir dessas pontuações, evidenciar um recorte das reflexões, posto na análise de manifestações recentes no contexto local, enfocando a região da Grande Vitória (ES). Analisaremos momentos específicos de manifestações políticas e registros realizados dessas manifestações no intuito de compreender a “linguagem” do *graffiti* utilizada nesses momentos, considerando a mensagem, a localização, o tipo de *graffiti* realizado, no sentido de aprofundar as reflexões sobre as maneiras que o *graffiti* opera no espaço urbano e como isso impacta enquanto produção simbólica de luta social e política.

## Dissidentes no graffiti pelo mundo e pelo Brasil

Notadamente, desde a década de 1960, o uso do *graffiti* se faz presente em manifestações políticas na contemporaneidade. Podemos mencionar o “Maio de 1968” em Paris (França), um dos momentos mais importantes para a adesão do *graffiti* em manifestações diretamente políticas. João Alberto da Costa Pinto (2008) ao abordar sobre o Maio de 1968 em Paris, pontua sobre o uso



Figura 1. Uso do graffiti em maio de 1968 em Paris: 'As paredes tinham ouvidos. Agora elas têm as palavras'.

Fonte: <http://clinicand.com/maio-de-68-50-anos-50-frases/>

de colagens, confecção de cartazes e tinta spray para a inscrição de frases nos muros da cidade (figura 1). Tais ações demonstram a variedade de possibilidades do uso do *graffiti* em protestos políticos.

Sérgio Ronaldo Skrypnik Michalovzkey (2013) aponta que as primeiras manifestações de *graffiti* no Brasil ocorreram também durante a década de 1960, em manifestações contra a ditadura. Ainda nas décadas de 1960 e 1970 com a Guerra do Vietnã, conforme apontam Patrícia Daniele Lima de Oliveira e Ana Márcia Silva (2004), pela parte dos Estados Unidos foram recrutados soldados principalmente negros e latinos; ao regressarem para os EUA, esses soldados eram simplesmente deixados com suas famílias em distritos como o Bronx. O cenário de descaso e a busca de uma maneira de comunicar o descontentamento com as condições socioeconômicas em que passaram a viver são as bases para o início do movimento do *hip hop*. O movimento agrega desde o *break* (dança inspirada em movimentos quebrados que representavam soldados mutilados durante a guerra, e no movimento das hélices dos helicópteros), além do DJ, do *rap* e do *graffiti* (Oliveira; Silva, 2004).

A inserção do *graffiti* no movimento de *hip hop* popularizou a prática a nível global quando este movimento alcançou seu apogeu no início da década de 1970, e foi por esse caminho que o *graffiti* alcançou maior aceitação como prática artística, chegando a ser aceito em galerias de arte para exposição e tendo a partir de então

a adesão de alguns nomes considerados como artistas reconhecidos. Importante pontuar que essa aceitação do *graffiti* pelos meios formais da arte não tornou a prática nas ruas menos controversa; ao contrário, talvez tenha se tornado ainda mais polêmica, pois passou-se a discutir se *graffiti* é ou não arte, qual seu espaço de ocupação, temáticas e questões que serviram principalmente para aumentar suas possibilidades, embora talvez essa não fosse a intenção institucional.

A popularidade impulsionada pelos movimentos de *hip hop* proporcionou a incorporação de mais possibilidades técnicas às inscrições e representações, popularizando a prática em nível mundial. Quanto a esse momento, Ken Goffman e Dan Joy (2007, p. 385-386) pontuam:

[...] a cultura *hip-hop* desenvolveu sua própria estética artística fora-da-lei “Faça você Mesmo”, que era particularizada pelo grafite (chamado de “*tagging*”). Essas elaboradas pinturas psicodélicas aparentadas com os quadrinhos e criadas com latas de spray (frequentemente furtadas) eram realizadas em qualquer “tela” pública desocupada, principalmente trens do metrô, edifícios comerciais e as paredes de grandes conjuntos residenciais. O texto geralmente consistia dos criativos pseudônimos dos *taggers*. *Tagging* era um meio de comunicação popular para aqueles que estavam excluídos das avenidas mais comerciais da expressão pessoal, e para qualquer um com olhos para ver, levava brilho e arte para a seca arquitetura cinza da vida urbana cotidiana.

Já no contexto da Guerra Fria, entre 1961 e 1989, Berlim foi dividida por meio de um muro. Este muro passou a materializar as divergências político-econômicas entre a URSS e os EUA, representadas respectivamente pela Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental. Cláudia Gisele Masiero e Janice Roberta Schröder (2014) apontam para a frequência, forma e conteúdo de *graffiti* nos muros, como frases de protesto e desenhos mais elaborados. Daniela Coutinho Bissoli e Rosângela Lunardelli Cavallazzi pontuam que a maioria das inscrições de protesto deram-se do lado Ocidental; já no lado Oriental do muro havia forte esquema de vigilância, de modo que somente foi realizado *graffiti* neste lado após a queda do muro (figura 2).

Além do uso nos momentos históricos mencionados, o uso do *graffiti* como ferramenta de manifestação política ocorreu também em diversas movimentações da contracultura, tanto no exterior quanto no Brasil. Ken Goffman e Dan Joy (2007) apontam que a absorção do *graffiti* pela contracultura, apontando para a ampla disseminação de pixações com o símbolo anarquista pelas cidades no mundo. Quanto às movimentações realizadas pela contracultura no Brasil, Leon Kaminski (2019) aponta que nos anos 1970 foram realizadas inscrições de *graffiti* com frases poéticas e *hai-kais*, em momentos de incursão poética diante da necessidade de ocupar o espaço da cidade pelo ponto de vista estético.

Em um contexto mais atual, considerando os anos 2010 e 2020, segue sendo notável o uso do *graffiti* em manifestações políticas no Brasil. Esse uso do *graffiti* ocorre em diversos contextos, desde manifestações realizadas furtivamente, no



Figura 2. Graffiti no Muro de Berlim. Fonte: <https://www.br.de/nachricht/1989-mauerfall-100.html>

meio da noite, ou mesmo durante protestos cívicos organizados. São inscritas frases que criticam o governo, que apontam problemas sociais, desafiam instituições e enfrentam a segurança pública, entre outros, revelando não somente a criatividade dos grafiteiros, mas também, seu descontentamento diante da ausência de políticas públicas que possam abraçar especialmente a população periférica.

### Dissidentes no graffiti em manifestações em Vitória - ES

Ao pensar no *graffiti* no Espírito Santo, é importante pontuar que o desenvolvimento da prática, principalmente nas primeiras movimentações contemporâneas, tem seu maior número de praticantes concentrados na Grande Vitória. Tais movimentações se iniciaram pela periferia de Vitória, abrangendo os municípios vizinhos e alcançando a escala da Grande Vitória. As movimentações começaram pelas bordas e os primeiros grupos se formaram influenciados pelas movimentações do *hip hop*, que chegaram no Brasil nos anos 1980, em São Paulo; apenas posteriormente chegaram ao Estado (Augusto, 2018). Dado esse contexto, e considerando as manifestações de *graffiti* da atualidade, apresentamos a seguir algumas manifestações de intenção diretamente política encontradas em Vitória-ES.

Na figura 3 temos uma pintura de *graffiti* feita em protesto para o caso da criança Araceli. Araceli foi violentada, brutalmente assassinada e teve seu corpo esquartejado em 1973. O caso é muito conhecido no Espírito Santo; embora tenha sido instituído o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso



Figura 3. Graffiti em homenagem à Araceli. Foto: acervo pessoal da autora

e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes em homenagem à memória de Araceli, os nomes dos homens que foram considerados culpados de participação em seu assassinato seguem, tendo seus nomes dados a algumas das principais avenidas da cidade de Vitória. Isto gerou um grande sentimento de revolta na população; no entanto, até então não foi capaz de efetivamente mudar o nome dessas vias, pois, apesar da brutalidade do caso, as famílias envolvidas no assassinato eram e são muito influentes. Um *graffiti* como esse permite que tal brutalidade de repercussão nacional não caia no esquecimento.

Já na figura 4 temos uma bandeira do Brasil, e onde estaria escrito a frase “ordem e progresso” foi grafitada a frase “ditadura e caos”. Fica evidente nessa imagem a crítica à ausência políticas públicas, a decadência dessas políticas principalmente após o impeachment de Dilma Rousseff da presidência, acentuando ainda mais a pobreza e levando o país novamente ao mapa da fome. Com as alterações das leis trabalhistas somadas à decadência de políticas sociais, a precarização do emprego foi aumentada. Estes e outros aspectos tornaram as crises social e política mais difíceis de serem enfrentadas diante do enraizamento de pensamentos neoliberais que normalizam a miséria como parte do processo para o enriquecimento (cada vez mais direcionado a setores e grupos específicos da economia).



Figura 4. "ditadura e caos". Foto: acervo pessoal da autora

Em atos de manifestação política organizados podem ser grafitados pela cidade algumas frases que são importantes de pontuar. Na figura 5 temos uma foto de um *graffiti* realizado durante um ato de protesto em Vitória, foi feita a inscrição da frase "PODER POPULAR", que foi realizada durante o ato chamado de "29M". O ato aconteceu em 29 de maio de 2021 em diversas cidades brasileiras, em virtude do descaso e demora para a compra de vacinas para o enfrentamento a pandemia do Covid 19. Os protestos pediam um basta ao genocídio ocasionado pela displicência do governo em lidar com a pandemia; manifestantes protestavam então contra o governo e a gestão desastrosa relativa à Covid. A frase grafitada incentiva ações revolucionárias, voltadas a ideias de tomada de poder pelo povo, que diante de um cenário tão desesperador, persiste no pensamento de um poder mais justo para todos - isto é em si um ato revolucionário.

O cenário de violência policial com o qual principalmente a população periférica e preta se vê refém, a divulgação de casos de assassinato de pessoas pretas pela instituição de segurança pública, revelam o racismo estrutural impregnado em diversos setores da sociedade, fazendo constantemente vítimas fatais, inscrições insultando o setor, como na figura 6. Torna-se uma das possibilidades de resposta e enfrentamento. O racismo institucionalizado é uma problemática



Figura 5. "poder popular". Foto: Acervo pessoal de Matheus Hygino





Figura 6. Inscrição em protesto por violência policial. Foto: Acervo pessoal de Matheus Hygino

que precisa ser trabalhada não somente a nível local, estadual ou nacional, mas pelo mundo. Sendo as raízes do racismo ainda tão difíceis de serem arrancadas da sociedade, é necessário que se tenha atenção plena e constante para que ações não passem despercebidas, e infelizmente não é preciso pesquisar muito para que se encontre diversos casos de violência policial contra pessoas pretas. Isso sem mencionar modos “menores” de violência, que podem ser percebidos nas segregações urbanas e processos de exclusão social que afetam diversas minorias, em destaque a população preta.

Todos esses casos demonstram o *graffiti* usado por motivações políticas, em ações realizadas com intuito de visibilidade e possível enfrentamento em cenários que a população, principalmente a mais pobre, sofre em decorrência de diversas questões sociais, como o descaso, abuso de poder e negligência. Sua potência está em demonstrar que tais situações não estão passando despercebidas, ainda que o embate a elas se dê principalmente no campo simbólico.

## Conclusão

O estudo apresentado permitiu que aprofundássemos reflexões sobre o uso do *graffiti* em manifestações políticas, ações de dissidentes que ressoam não somente entre os praticantes de *graffiti*, como também a todos que conseguem enxergar as diferentes realidades e discursos que habitam a cidade. São manifestações, ora pertencentes a movimentos conjuntos, ora realizadas por ação individual, que constituem um modo de enfrentamento às ações políticas que impactam a sociedade como todo, especialmente em seus setores mais frágeis. Nesse momento, o *graffiti* utilizado como ferramenta de protesto, mostra-se um instrumento de luta social, ainda que no campo simbólico.

Tais ações demonstram que apesar da violência sofrida e das constantes ações segregadoras perpetradas pelo modo neoliberal de gestão, ainda resistem o desejo por melhorias e a energia para buscá-las. O *graffiti* mostra sua potência na luta pelo campo estético, ao se apropriar de espaços e inserir discursos em locais diversos da cidade; grupos sumariamente invisibilizados conseguem se fazer vistos com sua ação por meio do *graffiti* e fazer suas questões tomarem protagonismo em diversos momentos e setores da teia urbana.

## Referências

AUGUSTO, Tuani Guimarães de Ávila. Graffiti: um estudo da consolidação da cena da pixação em Vitória. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. 2018.

BISSOLI, Daniela Coutinho; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli. Relação entre Superfícies Históricas e o Graffiti: East Side Gallery (Berlim); Jockey Club (Rio De Janeiro). **Anais ENANPUR**, v. 16, n. 1, 2015.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Ediouro, 2007.

KAMINSKI, Leon (Ed.). **Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades**.

Editora CRV, 2019.

MASIERO, Cláudia Gisele et al. Os Grafites Do Muro De Berlim Em Imagens Fotográficas–Testemunhos De Uma História. **XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS**. 2014.

OLIVEIRA, Patrícia Daniele Lima de; SILVA, Ana Márcia. Para além do hip hop: juventude, cidadania e movimentos sociais. **Motrivivência** Ano XVI, Nº 23, p. 61-80. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2004.

PINTO, João Alberto da Costa. França: lutas sociais anticapitalistas no maio de 1968. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 85, p. 1-5, 2008.

## Penha de Fátima da Cruz de Souza

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Brasileira UNIVIX (2017), especialização em Arquitetura e Ambiente Urbano pela Faculdade Capixaba da Serra (2018) e mestrado em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo (2021).

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8454-1554>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2067008811254819>

## Cláudia Maria França da Silva

Doutora em Artes pela UNICAMP e associada ao Programa de Pós-Graduação da UFES. Pesquisa Expressão Tridimensional e Desenho, atuando principalmente nos temas de processo criativo em arte, instalação e projeto de instalação e desenho contemporâneo.

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6971-6363>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3462886315780014>